

A promessa de Deus, segundo as Escrituras.

A Aliança definitiva.

“Jamais hei de romper a aliança que fiz convosco!”.
Comprometimento do Senhor, em Juizes, 2.1.

*“O povo, **que jazia em trevas**, viu a grande Luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a Luz”.* O Evangelho, a respeito de Jesus, a Luz do mundo, em Lucas, 4.16.

Ver, também, a Grande Promessa de Jesus a você também, no site www.segundoasescrituras.com, no arquivo: “A Grande Promessa de Jesus, segundo as Escrituras”. Não deixe de ver!

A expressão fonética **Yhawy**, do hebraico, se assemelha a um sopro e traduz o Santo Nome do Criador. Igual a uma das letras de seu nome, Deus viria a acrescentar ao nome original de Abrão um “**h**”, ao nomeá-lo Abrahão — como é o correto pelo aramaico. Ao mudar o nome de Abrão, é como se o Criador soprasse sobre ele, pois o “**h**” tem o sentido de aspiração, de sopro. Por esse sopro divino viria a estabelecê-lo como um homem sábio e abastado, um protegido de Deus, pois, ainda, por essa ação, haveria de instituí-lo como o ancestral do Messias. Para tornar viável esse privilégio, o Senhor viria a soprar, em seguida, sobre Sarai, sua esposa, ao acrescentar-lhe, também, um “**h**” ao seu nome, chamando-a de Sarah. Por esse sopro o Senhor propiciou a gravidez de Sarah, pois, antes, além de infértil, avançava em idade e, assim, ela gerou Isaac de cuja árvore genealógica nasceria o Messias.

Como o próprio Cristo viria a soprar, também, sobre os seus discípulos, concedendo-lhes o magnífico privilégio de receberem o Espírito Santo da revelação João, 20.22), o **Yhawy**, na criação da espécie humana, conforme Gênesis, soprou sobre o modelo de argila com que foi feito Adão, criando a vida física e espiritual do primeiro ser e, daquele corpo vivo do primeiro homem, criou uma companheira muito conveniente para a continuação da vida. Esses dois primeiros homens foram formados com corpo visível dotado de alma — espírito invisível. O Altíssimo dotou-os com inteligência e autonomia de decisão, cujo comportamento não dependia do automatismo de instintos, como foram criados os animais. O Senhor aprovou-os e gratuitamente premiou-os com um paraíso terrestre, o Éden, onde não existia qualquer tipo de sofrimento, mas paz e felicidade.

O Senhor Deus quis testar o homem e a mulher quanto ao amor e respeito à sua Lei, que no início era só uma. Como ambos não foram criados para serem apenas fantoches nas mãos de Deus, foram dotados de livre arbítrio, e então, por vontade própria, o Senhor foi desrespeitado.

O homem não havia sido criado para ter uma vida tão breve e, se foi criado para viver num paraíso, para permanecer nele teria de passar por um teste de fidelidade ao Criador. Deus deu tudo ao homem e só exigiu uma insignificante prova de respeito a ele, mas por infidelidade, o primeiro casal humano foi tirado de um lugar de sonhos e colocado à sua própria sorte, sujeito a todos os tipos de problemas, inclusive à dor; sujeito a gerar filhos maus (Caim) e também sujeito à morte breve e à extinção do corpo:

“Porque és pó (vieste do pó); e em pó hás de te tornar”.
Determinação do Senhor, em Gênesis, 3.19.

E, pela seqüência de pecados graves cometidos pelo homem, o Senhor concluiu:

“O Senhor viu que a maldade do homem era grande... O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem sobre a terra”.
A verdade do Senhor Deus, em Gênesis, 6.5 e 6.6.

Iniciando-se com o Dilúvio, pelo qual quase toda a raça humana foi extinta, começaram os ciclos dos castigos, dos sofrimentos causados pelo pecado; começaram os ciclos das oportunidades perdidas pelo homem, quando o Senhor tentou, insistentemente, uma aliança com eles para que vivessem na paz e com prosperidade. Entretanto, quando era obedecido por uma geração, que pessoalmente presenciara os seus prodígios, era desrespeitado por outra. Esse procedimento tornou-se a causa real de todos os castigos. Isso está absolutamente claro e repetitivo por todo o Velho Testamento (esse termo “Velho, ou Antigo”, aqui vai ser substituído por Primeiro Testamento porque a palavra de Deus, mesmo imutável e inflexível, sempre será dinâmica, nunca se tornará passado e nem envelhecerá, até que se completem os tempos).

“Israel era uma vinha frondosa, que dava muitos frutos, porém, quanto mais frutos dava, mais multiplicavam seus altares; quanto mais prosperavam na terra, mais ídolos construíam”. Lamentos do Senhor, em Oséias, 10.1.

Mas, conforme a Palavra do Senhor, em Romanos, 5. 12 a 20, explica que: se pelo pecado de um só homem, Adão, o sofrimento e a morte entraram no mundo, também pelo ato de um só homem — Jesus Cristo —, podemos ser resgatados da morte e do pecado. Por Jesus Cristo, podemos receber a força de Deus reservada aos homens de boa vontade, àqueles que verdadeiramente crêem no seu poder, pois está escrito que esse legado do Messias estender-se-á a todas as gerações. Com um único ato de desobediência ao Senhor Criador, aquele único homem — Adão — acarretou a si e aos seus descendentes as nefastas conseqüências do pecado, todavia, o Senhor Deus misericordioso, por amor a nós, por seus mistérios insondáveis, presenteou-nos com uma grande oportunidade de salvação por intermédio de um único homem: Jesus Cristo, o seu Filho amado.

Em Espírito, Cristo veio como o próprio Deus que se misturou à sua criação e nos trouxe uma Nova Aliança agora oferecida a todos os povos, e não só aos filhos de Abraão. Essa Aliança constituiu uma descomunal oportunidade aos homens, pois abriu os portais do céu àqueles que vieram e que venham a se importar, realmente, com a Aliança que ele nos propôs, gratuitamente.

O Pai deixa bem claro que o Filho é essa Aliança. Conforme a Bíblia, é difícil alcançar o esplendoroso céu de Deus, mas salvar-se-á todo aquele que crer em Cristo e que viver comprometido com a sua mensagem, com os seus preceitos, com os seus exemplos e sem farisaísmos. E isso, inegavelmente, requer sacrifícios, pois o Reino de Deus é um prêmio por demais grandioso para se receber facilmente.

O Filho é o caminho do céu! Salvar-se-á todo aquele que aceitar a Jesus verdadeiramente como o Mestre sempre presente em cada momento de sua vida, seja na atribulação ou na alegria. Somente desse modo poderá tomar posse da sua promessa, do seu legado, tornando-se vencedor física, material e espiritualmente em todas as empreitadas e, por conseqüência, como prêmio gratuito, receberá, também, a superior sabedoria e a verdadeira paz. Essa paz é a permanente felicidade que muitos buscam, porém, poucos a encontram, porque não conhecem o caminho. Mas, aqueles que, de algum modo, já tomaram conhecimento dos caminhos de Deus, mas por conveniência pessoal, por amor maior aos seus prazeres e interesses materiais preferem viver em pecado, ignorando a Nova Aliança, proposta também a eles, lamentavelmente, estarão excluídos da vitória final.

“...Com efeito, se por um homem veio a morte, por um homem vem a ressurreição dos mortos...”. A palavra do Senhor Deus, na I Carta aos Coríntios, 15.21.

Isaías, o grande profeta do Senhor, sete séculos antes do nascimento do Messias, já profetizava o seu extremo sacrifício:

*“...Em verdade, ele tomou sobre si nossas enfermidades,
E carregou com nossos sofrimentos;
E nós o reputávamos como um castigado,*

*Ferido por Deus e humilhado,
Mas foi castigado por nossos crimes,
E esmagado por nossas iniquidades;
O castigo que nos salva pesou sobre ele,
Fomos curados graças às suas chagas...* Profecias do Senhor Deus, em Isaías, 53.4.

Confirmando a sua aliança prometida aos povos de Sião, Deus nos enviou o seu Único Filho, que já existia antes de todos os séculos, conforme a palavra em João 1.1: *O Verbo se fez carne e habitou entre nós*. Cristo veio para pôr ordem na Terra. Veio para orientar o homem — não só com palavras, sobretudo com exemplos de vida — no caminho rumo ao céu. Se isso é um mistério, sobretudo, é verdade real. Conforme os Escritos, num frutuoso exemplo de humildade e de como o homem tem de comportar-se para merecer a glória dos céus, o Messias nasceu em um estábulo, viveu numa casa pobre e tornou-se um andarilho quando adulto. Ainda bebê, foi perseguido mortalmente pela realeza humana e teve de ser levado às pressas para bem longe da Judéia.

Jesus cresceu, ensinou, curou, consolou, ressuscitou mortos, dissipou tormentas, interferiu na natureza ao transformar elementos e realizou outros surpreendentes prodígios. Conforme ele próprio disse e, fartamente provou, não veio como rei temporal, mas como o servo de todos; não veio para ser servido, mas para servir. Isso constituiu mais um exemplo a ser seguido pelos homens que buscam o Reino de Deus. Cristo veio como o fermento que contamina de modo salutar toda a massa.

*“...Ele não disputou,
Não elevou sua voz nas praças,
Não quebrou o caniço rachado,
Nem apagou a mecha que ainda fumegava...
Até que fez triunfar a justiça”*. Profecias do Senhor Deus, em Isaías, 42.

Jesus foi o ato definitivo do Senhor para resgatar da ignorância o seu povo, antes do fim dos tempos reservado para a Terra. Cristo veio, e realizou pacificamente uma definitiva reforma nos costumes e nas crenças dos judeus, em suas leis mosaicas (de Moisés), deturpadas em alguns pontos, através dos séculos. Transformou as leis de ordenanças, as leis que escravizavam o homem, principalmente as leis da circuncisão, do apedrejamento, da segregação racial e dos sacrifícios de animais, e que fazia o homem um juguete nas mãos dos fariseus dos templos, na lei do amor. Ele veio para instituir os novos preceitos contidos na Nova Aliança, e não se limitou somente a ensiná-los, mas **viveu intensamente cada um deles como exemplo a ser seguido**. Por essa coerente mensagem, veio, também, a revogar a anterior exclusividade dos judeus como o único povo escolhido.

“Muitas vezes e de diversos modos, falou Deus aos nossos pais e profetas. Ultimamente nos falou por seu Filho, que constituiu herdeiro universal, pelo qual criou todas as coisas”. Revelações do Senhor Deus, na Primeira Carta aos Hebreus, 1.1.

“...Atam cargas pesadas e impossíveis de levar, e as põem sobre os ombros dos homens, mas nem com um dedo as querem mover”. Jesus, irado com o farisaísmo e suas leis, em Mateus, 23.6.

“Serpentes. Raça de víboras. Como escapareis do castigo dos infernos?”. Mateus, 23.33.

“Por isso eu vos digo: O reino de Deus vos será tirado e entregue a um povo que produzirá frutos”. Sentenças de Jesus, em Mateus, 21.43.

“Bendito seja o Rei que vem em nome do Senhor!”.
Exaltação do nome de Jesus, em Lucas, 19.38.

Eis que vos envio meu Filho com uma boa notícia, Ele é o meu projeto maior para a vossa salvação. Escutai-o! Esta é a minha vontade!

Do seu interior manarão rios de água viva!

Sem revogar a Lei Antiga, o Espírito Santo de Deus reformulou-a por intermédio do Filho, pois os preceitos da Lei estavam sendo corrompidos em muitos pontos pelos homens através dos séculos, e o resultado disso veio a tornar-se tradição religiosa. Por essa tradição, antes da vinda de Jesus, somente os ricos, os abastados, os que detinham o poder, eram considerados os protegidos do Senhor Deus e, por conta disso, os pobres eram desprezados como os abandonados pelo céu. Os pobres eram tidos como rejeitados por Deus, pois criam que, se nasceram sem posses ou escravos, não partilhavam das graças divinas. Esse era o pensamento natural da época. Pela tradição dos homens, amavam os seus familiares e amigos, entretanto, odiavam de morte os seus considerados inimigos. Não havia a prática do perdão, da misericórdia, pois a lei de talião, fundamentada no código de Hamurabi, dominava os veredictos:

“Fratura por fratura, olho por olho, dente por dente”. A Lei, em Levítico, 24.17.

Apoiado pela tradição da Lei mosaica, os israelitas apedrejavam alguém até a morte, fundamentados, apenas, no testemunho acusatório de duas pessoas que, às vezes, por interesse ou até por vingança, praticavam o falso testemunho. Estevão foi uma das vítimas disso (Atos dos Apóstolos, 6.11).

Já no seu primeiro sermão, o belíssimo e reformador Sermão da Montanha (Mateus, 5), Cristo insurgiu-se contra as crenças tradicionais, sem excluir nenhum dos Dez Mandamentos, trazendo um novo mandamento: o mandamento do amor, do amor até aos inimigos. Antes de Jesus, isso seria um preceito inaceitável, ridículo e escandaloso para aquela época, na qual a força física impunha a lei. Em nome do amor incondicional ao semelhante, Jesus destacou vivamente a importância do perdão total, da caridade verdadeira, a importância da humildade e da simplicidade. Desse modo, inicia o grande sermão pregando uma Nova Mensagem, trazendo uma Boa Notícia aos pequeninos desprezados que se surpreenderam, pois jamais haviam ouvido antes promessas semelhantes. Sempre oprimidos pela lei dos fortes do mundo, pela primeira vez os miseráveis, os enjeitados, eram citados numa nova e maravilhosa promessa que destacava, vivamente, a importância que tinham (e que têm) para o Criador os humildes, os pequeninos, os pacíficos, os injustiçados, os abandonados os menos favorecidos e os escravos. Por Jesus Cristo, o Filho, o Senhor Deus Pai manifestava a sua preferência, a sua opção pelos menores da Terra.

*“Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o reino dos céus.
Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.
Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.
Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.
Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.
Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus”.* Promessas de Jesus, em Mateus, 5.

Essa revelação tornou-se uma magnífica mensagem de esperança, principalmente aos homens e mulheres da mais baixa condição social. O Messias de Deus veio resgatá-los da desesperança e do abandono espiritual em que viviam, pois ele, o Cristo de Deus, colocava-se como o protetor deles. Se não tinham direitos na Terra temporal dos homens, passariam a ter alta perspectiva disso no Céu eterno de Deus. Cumpria-se, assim, o oráculo em Isaías, 61:

*“O Espírito do Senhor repousa sobre mim,
Porque me consagrou pela unção,
Enviou-me para levar a boa nova aos humildes,
Curar os corações doloridos,
Anunciar aos cativos a redenção...”.*

MESSIAS: O Ungido de Deus, Maschiah, em hebraico.
CRISTO: O Ungido de Deus, Khristos, em grego.
JESUS: O Salvador, em hebraico.

Dados os oráculos do Senhor aos seus profetas, o Messias era esperado pelos israelitas com muita expectativa, e era aguardado que viria como um grande rei, libertador de Israel, absoluto sobre a Terra e dominador de todos os povos. Imaginavam um Messias poderoso, nascido da nobreza, dotado de grande sabedoria e total liderança, pela qual comandaria um grande e invencível exército que viria a dizimar todos os inimigos de Israel. Esperavam que fossem exterminados os ímpios e os pagãos denominados “cães” e, principalmente, os odiados invasores romanos que por dezenas de anos impunham jugo à Palestina sob a força da lança e da espada. Aguardavam um grande e extraordinário rei, descendente de Davi, que viesse livrá-los, de vez, do jugo das centúrias opressoras romanas e, se possível, que os varressem da face da Terra, e que restaurasse, de vez, a hegemonia de Israel sobre todos os outros povos, de modo mais triunfal ainda do que nos gloriosos reinados de Davi e Salomão. E assim, interpretando as Escrituras ao pé da letra, aguardavam um rei político executor e não um rei espiritual sementeiro, como está posto em Jeremias 23.5 e 33.14:

“Dias virão, oráculos do Senhor, que farei brotar de Davi um rebento justo que será rei e governará com sabedoria e exercerá na terra o direito e a eqüidade, e viverá Israel em segurança. E eis o nome que será chamado: Javé nossa justiça”.

“O seu império será grande e a paz sem fim sobre o trono de Davi e em seu reino. Ele o firmará e o manterá pelo direito e pela justiça, desde agora e para sempre”. Promessas do Senhor Deus, em Isaías, 9.6.

“Cumpridas estas coisas, voltarei e reedificarei o tabernáculo caído de Davi, e, levantando-o de suas ruínas, restaurá-lo-ei”. Atos, 15.16.

Quem ler Isaías, capítulo 61, terá idéia de como era esplendoroso o sonho israelita. Em Lucas 1.71, está bem claro que os israelitas achavam que Jesus viria à Judéia para resgatar Israel das mãos de seus inimigos.

Também no Evangelho, o povo julgava que Jesus os libertaria dos romanos invasores:

“para nos libertar dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam”. Lucas, 1.71.

De tal modo os judeus aguardavam um Messias investido de grande poder, que viesse a restaurar a hegemonia dos filhos de Abraão sobre os outros povos, como nos tempos de Davi e Salomão que, mesmo aqueles que tendo aceitado a Jesus como o verdadeiro Messias, frustrados, sentiram ruir todos os seus sonhos quando o viram morrer. Sentiram que não seria daquela vez que Israel seria restaurada e que deveria continuar impotente contra o jugo romano. Sentiram ruir tudo, quando viram o seu Mestre, o grande realizador de milagres, o incrível ressuscitador de mortos, o dominador das forças da natureza, o líder espiritual da multidão, enfim o justo sob todos os aspectos, ser acorrentado pelo próprio povo e massacrado pelos soldados romanos.

Na sua pequenez, sentiram que aquele seu amigo Jesus que estava sendo brutalmente humilhado, ultrajado, esbofeteado, cuspidos, pisoteado, chutado, escarnecido, sangrado pelas lanças dos seus algozes e despojado de tudo: da honra, das vestes, de seu sangue e até de sua vida, era tão pequeno quanto qualquer injustiçado pela impiedade dos “grandes”. Naquele momento, extremamente aturdidos, sentiram que o Império Romano era muito mais poderoso, dominador e majestoso do que imaginavam, porque até o seu magnífico Mestre, antes, invencível, mostrava-se impotente contra o seu domínio, e que os saduceus, os fariseus e os príncipes dos sacerdotes, finalmente, o haviam vencido, porque ali, acorrentado, com partes do corpo em carne viva pela agressão dos chicotes, e com o semblante lívido pela dor, nem forças tinha para reagir! Aquele Jesus, antes, vencedor, que se dizia Filho do Pai, estava sendo incompreensivelmente derrotado com desonra!

Seu Mestre, de extremo carisma e magnetismo, pelo qual haviam abandonado tudo — porque havia legitimado a sua Mensagem Nova com impressionantes prodígios —, que andara sobre as águas como se fosse terra firme, que interferira na natureza como se fosse o criador dela, que ressuscitara mortos, e um deles até em estado de decomposição; que mostrara, por um minuto, um pouco do esplendor do céu ao fazer-se resplandecer de brancura intensamente iluminada perante seus discípulos, mas, ali, incompreensivelmente, demonstrava completa impotência. Se não conseguia salvar nem a si mesmo da extrema humilhação e da morte inglória determinada pela força física, não poderia, então, resgatar Israel da opressão invasora!

Naquela confusão mental que envolvia aqueles homens rústicos, chegaram até a duvidar que ele fosse, realmente, o Messias da aliança de Deus e, por isso, até o renegaram por medo da força física dos homens do mundo! Sem entenderem, sem levar em conta as sábias e explícitas referências do Mestre com respeito **a que veio**, sentiram seus sonhos ruírem.

Ainda sem Pentecostes, sentiram desfazerem-se os seus sonhos predominantemente nacionalistas e, então, concluíram, tristemente, que a injustiça continuaria a sobrepor-se à justiça; que os romanos continuariam a escravizá-los em sua própria terra; que a força física continuaria a prevalecer sobre a fraqueza e, por isso, os pobres e os injustiçados continuariam sendo impiedosamente massacrados. Desse modo, com medo de que aquela violência extrema que atingiu o seu Mestre também os atingisse, esconderam-se para lamentar os seus receios.

Todavia, como Deus não pode ter duas palavras, a revelação, o entendimento, o discernimento vieram por meio das línguas de fogo do Paráclito, e por esse radioso porvir, finalmente, adquiriram a sabedoria que emana de Deus e por isso passaram a entender **a que veio Jesus**.

Antes de Jesus, a revelação aos homens só era manifestada pelo Senhor Deus na solidão dos desertos ou no topo das montanhas, antecedido do sacrifício de uma jornada íngreme até o seu ponto mais alto, além de semanas de jejum e de orações. Assim aconteceu com diversos profetas e até com Jesus, mas, agora, por ele, essa revelação, esse avivamento espiritual que concede a verdadeira sabedoria, é gratuitamente legada aos simples de coração que buscam a Deus procurando fazer a sua vontade. Por Jesus, que deixou tudo bem explicado e suficientemente exemplificado, ficou muito fácil chegar a Deus!

Mas o próprio povo de Jesus, o israelita, na maioria, não o aceitou. Até mesmo hoje. Em 2007, somente 7% dos israelitas são adeptos conscientes da Torah, e entre essa percentagem só uma pequena parte aceita que o Messias já veio ao mundo na pessoa de Jesus Cristo. Naquela época pastoril, os fariseus escandalizaram-se e rejeitaram a possibilidade de aquele nazareno, nascido de uma família de um humilde carpinteiro, um andarilho que só procurava acercar-se de pessoas também humildes e até das renegadas pela sociedade, pudesse ser o Messias tão ansiosamente aguardado e, assim, rejeitaram-no violentamente. Por seu ousado atrevimento ao contestar, por várias vezes, as crenças tradicionais que propagavam ao povo judaico, principalmente por julgarem que ele desrespeitava os sábados ao curar doentes nesse dia e, principalmente pelo fato de Jesus afirmar-se o Filho de Deus, por diversas ocasiões tentaram matá-lo.

De modo algum as aparências indicavam o Jesus andarilho como o Messias que os homens do templo aguardavam e mensagem que propagava agredia seu modo de vida. Para eles, necessariamente investido na qualidade de importantíssimo enviado de Deus, o Messias teria de nascer numa corte de reis, na nobreza, com extenso poder e honrado como tal, e que por sua força arrasaria os invasores romanos. Mesmo tendo legitimado a sua Nova Mensagem com obras altamente prodigiosas e, por isso, em perfeita correlação com os oráculos dos profetas do próprio Israel, como Isaías, Jeremias, Davi e outros, ainda assim não o aceitaram.

“Então, se abrirão os olhos do cego, e se desimpedirão os ouvidos do surdo; então o coxo saltará como um cervo, e a língua do mudo dará gritos de alegria!”. Predições de Isaías, no capítulo 35.5.

Em Atos dos Apóstolos, 1.6, os apóstolos interpelam a Jesus, já ressuscitado, sem ainda compreenderem que, se bem que não parecesse, ali ocorria o maior e o mais importante evento universal de todos os séculos reservados para a Terra.

“Senhor, é porventura agora que ides restaurar o reino de Israel? Jesus respondeu-lhes: “Não vos pertence saber os tempos nem o momento em que o Pai fixou em seu poder”.

“Não virá o Reino de Deus com visível aparência... porque o Reino de Deus está dentro de voz”. Lucas, 17.20.

Mas, na verdade, Jesus já havia fundamentado fortemente os alicerces da libertação, não só para Israel, mas também para todos os povos que havia e que hão de vir, pelo evento de seu Grande Sacrifício, conforme as suas palavras em Mateus 29.30. O Mestre já havia explicado essa sublime graça aos seus amigos, mas esses, naquele momento não compreenderam, porque, ali, ainda não haviam recebido o avivamento pelo Santo Espírito de Deus:

“Então aparecerá no céu o sinal do Filho de homem. Todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do homem vir sobre as nuvens cercado de glória e majestade...”.

Jesus voltará, como prometeu, todavia não voltará na humildade, mas, sim, na glória, do modo como os judeus o esperavam. Voltará consagrado pelo Senhor Deus como Rei e Juiz Universal, pois, conforme a Bíblia, o Universo inteiro foi criado para ele. Conforme o livro de Apocalipse — repetindo Mateus —, 25.31, virá como um grande Rei revestido de inimaginável glória e majestade, acompanhado de legiões de anjos celestes, separará os seus escolhidos à sua direita e punirá eternamente os que não creram, pois todas as oportunidades lhes foram gratuitamente propiciadas para que se arrependessem, a tempo, das suas preferências mundanas.

No entanto, se Cristo tivesse vindo nas condições sonhadas pelos judeus, reafirmaria, ainda mais, o conceito existente da consagração da força e do poder. Perpetuaria a tradição vigente na época pela qual só os fortes e os abastados eram os protegidos de Deus, e que os fracos eram a escória da humanidade e, assim, ele veio e viveu como o verdadeiro mensageiro da humildade. Se tivesse vindo de modo triunfal como era aguardado, ditaria leis proclamadas na condição de rei político mais poderoso de todos os tempos sobre a Terra, todavia, exatamente ao contrário, pregou e convenceu o mundo com leis outorgadas, de forma pacífica, serena, mas solidamente, como o Rei Espiritual do Universo. E, assim, veio a responder a Pôncio Pilatos: *“Meu reino não é deste mundo”.* Na verdade quis explicar:

“Tudo isto aqui que você vê é pó que o vento vai levar. O império de sua Roma é breve, frágil e passageiro. O verdadeiro reino você não pode ver, mas é único e sem fim, e minha missão aqui é para que todos tenham vida imortal no reino de meu Pai”.

Jesus não veio como poder político, contudo, foi morto como um político perigoso “que poderia levar a classe subjugada a um indesejável levante contra os poderes constituídos”. Por isso, foi condenado mortalmente em dois processos: um movido pelo poder romano, e outro, antes, tramado nos bastidores do templo, e levado a cabo pelas autoridades judaicas, por seu próprio povo.

Seria fácil a Jesus impor-se do modo como os judeus o esperavam, pois ele é o Filho de Deus, e com todo o poder sobre tudo e sobre todas as coisas, porém, que frutos obteria pela força? Expulsaria os exércitos romanos da Judéia, faria Israel voltar aos tempos de glória e de respeito maiores ainda de que nos reinados de Davi e Salomão, mas, e depois? Ditaria leis por imposição como um grande e invencível déspota; jamais seria esquecido pela história, no entanto, se assim houvesse ocorrido, as gerações seguintes só se

lembrariam dele como um rei muito poderoso que havia vencido enquanto viveu, impondo-se por sua extraordinária força, cujo fato se caracterizaria numa forte interferência do Criador no curso natural da história. Tal possibilidade estaria completamente em desacordo com os desígnios do Criador desde Noé, quando proclamou após o dilúvio:

“Quando virdes um arco no céu (o arco-íris) lembrai-vos da aliança que fiz convosco, e por ela não ferirei mais a terra e todos os seres vivos, como o fiz... (o Dilúvio, o fogo em Sodoma...)”. Promessas do Senhor Deus, extraído de Gênesis, 9.14.

Se Jesus tivesse interferido na Terra, fisicamente, em favor de Israel, estaria a aprovar a violência que ele próprio veio combater, como presumível solução para se resolverem os problemas do mundo. A tendência do homem para a violência já havia começado, bem antes, na primeira família, com Caim, e Jesus nos mostrou que não é esse o caminho da libertação. E, assim, já estava profetizado pela palavra em Isaías 42:

*“Eis o meu servo a quem amparo.
Meu eleito ao qual dou toda a minha afeição,
Faço repousar sobre ele meu espírito,
Para anunciar às nações a verdadeira religião,
Ele não gritará, nunca elevará a voz, não clamará nas ruas,
Não quebrará o caniço rachado.
Não extinguirá a mecha que ainda fumega.
Anunciará com toda a franqueza a verdadeira religião;
Não desanimará, nem desfalecerá, até que tenha estabelecido
A verdadeira religião sobre a terra”.*

Este é o oráculo representativo da humildade de Jesus, da mansidão, da doçura, da não violência, mas, sim, da esperança e da paz. Diferente do que Judá o esperava, veio numa humilde família, numa estrebaria que cheirava a fezes de animais e numa ocasião imprópria para a sua mãe — pois nasceu fora do lar, durante uma jornada. Esse sublime acontecimento, o maior de todos os séculos, poderia ter passado despercebido se não fossem os anjos conclamarem humildes pastores a adorá-lo, para que, de algum modo, mesmo que simbolicamente, se complementasse aqui na Terra uma grande festa que acontecia entre os anjos, no céu!

Cristo foi um perseguido. Inicialmente foi perseguido por Herodes, seu rei, por isso, ainda bebê teve de ser levado da Judéia para o Egito. Viveu sob muitas dificuldades para dar-nos um verdadeiro exemplo de como cada um deve proceder para merecer as graças do Senhor Deus, que é o que mais importa em relação à eternidade e, por isso, em nome da completa coerência, ele próprio viveu a estrada estreita que pregou. A sua vida foi marcada pela humildade e desapego das ambições temporais. Na verdade, ele foi o retrato vivo da humildade. Ele era a doçura em pessoa (e é), chorava e sofria condoído pela dor do próximo. Não tinha casa e nunca se fixava em um só lugar, permitindo, assim, que os necessitados, em maior número, e os que não podiam ir até ele o conhecessem e se inteirassem da sua Nova Mensagem e da poderosa herança que ele formava. Sua pregação maior foi a do amor ao Senhor sobre tudo e sobre todas as coisas e do amor verdadeiro ao próximo, a todo e a qualquer próximo, sem distinção, mesmo que venha a se tratar de um considerado inimigo. E no amor ao próximo estão incluídos o perdão, a tolerância, a condescendência, o respeito, o direito, a igualdade, o amparo, a fraternidade, a verdadeira caridade e a caridade de doação — não só de bens materiais — a todos os semelhantes, pois essa é a verdadeira religião, citada pela palavra em Isaías 42, e em Mateus, 25.35.

“As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça”. A humildade e o desprendimento de Jesus, em Mateus, 8.20.

Por tudo isso, o Ungido de Deus veio, também, para contestar os conceitos da lei de talião, a legalização da violência contida nas leis provisórias de Moisés, nas quais se

incluía até o apedrejamento em praças públicas. Esses preceitos da tradição mosaica que faziam parte da lei religiosa dos fariseus podem ser interpretados assim:

“Amai vossos amigos e odiai vossos inimigos. O perdão não, mas a vingança!”, mas a mesma Lei, conforme Levítico 19.18, também ensinava: *“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”*.

Contudo, Jesus não só ratificou Levítico, como também estendeu a sua abrangência, lembrando que ele veio como o Verbo de Deus. Jesus é a palavra do Senhor. Sendo o Verbo, ele dirigiu-se, dessa forma, à multidão, durante o Sermão da Montanha, em Mateus 5.43:

“Tendes ouvido o que foi dito: Amarás o teu próximo e poderás odiar teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem. Deste modo, sereis os filhos de vosso Pai nos céus, pois ele faz nascer o sol e chover tanto sobre os justos e os injustos. Se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis?”.

Apesar de que Cristo criticou e repreendeu, com veemência, os fariseus do templo, aqueles que não viviam a religião que propagavam, e até usou de certa violência com aqueles que faziam do templo um lugar propício para comerciar, como fortíssimos argumentos de conversão, além de suas palavras sempre acompanhadas de ações prodigiosas, **viveu coerentemente os preceitos que veio instituir**. Como exemplo de vida, uma das principais características de sua peregrinação terrestre foi a de viver intensamente a virtude da humildade. Não só ensinou a humildade e a simplicidade, mas foi o maior exemplo disso.

Quando Jesus ensinava, suas dissertações calavam fundo e tinham o efeito de um bálsamo nos corações doloridos, entretanto, por outro lado, provocavam ódio nos ímpios dominadores das massas, pois viam nele uma séria ameaça ao predomínio e aos privilégios do poder. E, conforme Mateus 26.53, Cristo jamais invocou qualquer legião de anjos para ajudá-lo, porém, ele tinha autoridade! Tinha mais autoridade e poder que todos os poderes do mundo, juntos, no entanto, usando de extrema coerência com seus ensinamentos, não utilizou esses privilégios celestes para demonstrações de força nem exibicionismos.

Cristo falava por Deus, mas apesar de deter poder total sobre todo o Universo, só realizou prodígios estritamente necessários para a instituição dos preceitos do Espírito Santo!

“Toda autoridade me foi dada no céu e na terra!”.

Revelações de Jesus, em Mateus, 28.18.

“Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo assemelhando-se aos homens”. Filipenses, 2.5

Mas, como exemplo, fez da humildade e da simplicidade a sua doutrina. Ajoelhou-se para lavar os pés de seus humildes pescadores; acercou-se dos pobres, dos aflitos, dos desajustados, dos excluídos, dos confinados leprosos e atendeu docemente a qualquer pecador que o procurou, buscando uma cura, um consolo, ou, simplesmente, a verdade. Entrou em Jerusalém montado num burrico emprestado, quando poderia, se quisesse, fazer-se acompanhar de legiões de anjos escoltando luxuosa e reluzente carruagem, puxada por fogosos cavalos — privilégio máximo da época —, pois, afinal, o Filho ingressava, triunfalmente, na cidade preferida do Pai, para ser aclamado!

“Deixarei uma tribo ao seu filho, para que meu servo Davi tenha sempre diante de mim uma lâmpada (Jesus) em Jerusalém, cidade que escolhi para estabelecer nela o meu nome”. Resolução do Senhor (a Salomão), em I Reis, 11.36.

Jesus sabia que estava sendo esperado, e que seria aclamado pelo povo que se comprimia nas ruas de Jerusalém, na época, a cidade de 3.000 anos e, sendo assim, se cumpriria o oráculo do Senhor ao profeta Zacarias:

“Dizei à filha de Sião: Eis que teu rei vem a ti, cheio de doçura, montado numa jumenta, num jumentinho, filho que leva o jugo (os nossos pecados)”. Oráculo do Senhor, em Zacarias 9.9.

Os judeus, e alguns estrangeiros que reconheciam nele o Messias de Deus, clamavam alto:

“Hosana ao filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! E glória no mais alto dos céus!”.

Alguns fariseus, incomodados com a situação, interpelavam a Jesus:

“Mestre, repreende os teus discípulos, os teus seguidores!” Mas Jesus respondeu-lhes: “Digo-vos: Se estes se calarem, clamarão as pedras”.
A verdade de Jesus, em Lucas, 19.38.

Jesus curou milhares, milhões, pois continua curando até hoje, tanto física como espiritualmente, como já profetizava a palavra em João 1.25:

“Jesus fez ainda muitas outras coisas (fora as que narramos) Se fossem escritas uma a uma, penso que nem o mundo todo poderia conter os livros que se deveriam escrever”.

Portanto, os apóstolos profetizavam que Jesus continuaria a produzir frutos até o fim dos tempos e até hoje ele continua e continuará atendendo a qualquer um que o procure, se esse estiver movido por aquela fé que leva à completa certeza de que será realmente atendido, mesmo que isso possa não ocorrer num primeiro momento.

“Eis que estou à porta e bato: Se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo”. O Amor de Jesus, no Apocalipse, 3.20, numa das mais belas mensagens de comprometimento, dirigidas a você! Por ela, está explícito que Deus só poderá ajudá-lo se você o procurar abrindo seu coração para ele.

Conforme o plano de Deus, por sua humildade e mansidão, Jesus revolucionou os conceitos da religião e de tratamento vigentes na época, que vinham por tradição desde Moisés, e ainda hoje continua a sua obra, pois mesmo após dois mil anos, Jesus é o personagem mais cultuado de todas as épocas. Quando Jesus veio, a humildade era considerada coisa de fracos e, mesmo vindo a corrigir tal conceito, ainda hoje há muitos que pensam assim. Jesus veio como homem e se foi, mas como distribuiu oportunidades iguais para todos, em espírito e em verdade continua presente aqui, vivíssimo, disponível a cada um que deseje recebê-lo. Para acontecer isso basta tomar posse de sua incrível promessa que, conforme a palavra em João 14.12, pode perfeitamente realizar as obras que ele realizou. Para receber a herança de Cristo é imprescindível viver a virtude da fé, porque a verdadeira fé induz à ação. A palavra contida nas Escrituras é para ser vivida e não só para ser recitada e depois guardada, com respeito, na estante.

“Toda Escritura é inspirada por Deus, e útil para ensinar, para repreender, para corrigir e para formar na justiça. Por ela o homem de Deus torna-se perfeito, capacitado para toda obra”. A verdade do Senhor Deus, em II Timóteo, 3.16.

“Jesus, sendo rico, fez-se pobre por vós, a fim de vos enriquecer por sua pobreza”. A humildade de Jesus em II Coríntios, 8.9.

Graça, paz, saúde e muita sabedoria, extensivo aos familiares.

Waldecy A. Simões.

netsimoes@terra.com.br

Rua Antonio Martins Costa, 451.
São Paulo.
CEP 05584-000
Fone 11 - 3784.4843

Está perfeitamente permitida a cópia, a reprodução e a publicação de todo o conteúdo desse arquivo, com também é livre a publicação na Internet e a impressão do mesmo. Portanto, o presente arquivo é absolutamente livre para qualquer tipo de propagação desde que não se altere o conteúdo original.

Quanto ao conteúdo original, no site www.segundoasescrituras.com existe uma cópia idêntica desse arquivo criada pelo sistema PDF do *Acrobat Reader*, que o torna inviolável, de cuja cópia também está disponível para livre *download* e para qualquer tipo de propagação.

Agradeço, de coração, a todos, e estou completamente aberto a qualquer tipo de correspondência, das quais declaro, solenemente, que responderei a todas.